REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

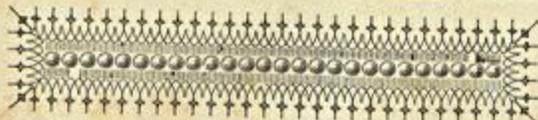
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 468

21 DE DEZEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hontem, dobres de finados nos sinos das egrejas; hoje, o repique festivo em solemne *Te-Deum laudamus*. E a Egreja assim vae annunciando aos fieis o chamamento de Deus e a sua misericordia: a uns, findou-lhes o tempo, chama-os ao seu regaço a perdoar-lhes e a ensinar-lhes a perdoar; a outros, necessaria ainda a sua existencia na terra, continua-lh'a em prova da sua justiça e clemencia.

É assim a crença; e como é bom acreditar, como é bom pensar, seja ou não verdadeiro, que a vida se não extingue quando o corpo fica inanimado e a carne se presta á decomposição. Como é bom acreditar para se viver e para se soffrer!

Ainda resoam no sacro templo de Nossa Senhora dos Martyres os sons plangentes do orgão, os canticos graves, as melodias arrancadas aos violinos soluçando e gemendo, toda a suave harmonia que vem do mystico perfume da egreja, do seu revestimento em duplex, da oração a Deus, da fé, da confiança, da prece, do agradecimento.

Sancto e bom Deus que tantas vezes, quando a alma se doe, nos derramas no espirito todo esse filtro castissimo da religião, do amor e da fé, que nos arranca a oração da alma, e nos eleva então por instantes até ao teu altar!

Como a egreja estava bella! Toda adornada de plantas e flores, com os seus massiços frondosos em que no verde mate da folhagem se destacavam frias e baças as camelias brancas, com as suas paredes revestidas de damascos e dourados, em toda a grandeza da passamanaria, com o altar mór illuminado, tudo de gala, tudo em pompa! E no côro as vozes dos cantores em canticos religiosos saudando a Deus, e no pulpito a voz do orador sagrado a elevar-se em agradecimentos ao Todo Poderoso e a descrever momento a momento, seguindo-o em toda a sua vida, o homem bom, prestante, util e nobilissimo.

O louvor a Deus e a justificação do agradecimento reuniam-se na palavra eloquente do sacerdote, no animo dos homens e na pompa da solemnidade!

Todos alli agradeciam ao Senhor ter conservado a preciosa vida de Lopo Vaz de Sampaio e Mello, do illustre estadista que tem sabido solidificar e conservar, que tem empregado toda a sua intelligencia, todo o seu poder, toda a sua força moral e meios de acção em bem servir a sua patria, soffrendo, nos momentos de lucta accesa, os mais crueis ataques dos adversarios, mas caminhando sempre para o fim desejado, com sacrificio proprio de saude e de gosos, e pondo acima de tudo a consciencia da rectidão e justeza das suas ideias; todos alli agradeciam ao Ceu a conservação d'aquella existencia, e ao mesmo tempo prestavam homenagem ao caracter, á estima, á lealdade do grande estadista, hoje o primeiro de Portugal nas suas questões internas, na sua conservação, na sua marcha regular.

E a Egreja, que n'aquelle dia teve saudações e agradecimentos, poucos dias antes tivera dobres de finado, resas funebres, officios, suffragando a alma d'um bom, d'um justo, d'um honesto.

O corpo do velho ex-imperador do Brazil veiu aqui procurar asylo aos seus ossos, n'esta terra que era quasi sua, a primeira que pisou depois do seu exilio, a ultima onde arribou.

Os monarchas, as tropas, os altos homens de politica, da sciencia, das artes, da litteratura, do commercio, de todas as classes sociaes, foram ao vasto templo de S. Vicente prestar as ultimas honras a D. Pedro de Bragança, que lá estava inanimado no seu caixão coberto com a bandeira brazileira.

Feitas as ceremonias do estylo, foi o cadaver conduzido para o pantheon dos reis, e d'ahi a pouco o templo immergia-se no frio silencio normal, e os restos do infeliz monarcha ficavam em profun-

GENERAL FLORIANO PEIXOTO

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

do socego, aconchegados, segundo li em jornaes, pela capa d'uma porção de terra brazileira que os condes de Eu lançaram sobre elle. A terra da sua patria, a terra do seu Brazil em que elle tanto fallava, do seu paiz que lhe prendeu a attenção até aos ultimos momentos; e quem sabe? se embora morto, essa terra lhe não está pesando sobre os ossos como um enorme rochedo que tivesse desabado sobre o seu peito!

*
* *

Parece que ás minhas chronicas está destinado o papel de registro de mortos. Mais um — Carlos Bento da Silva.

Dos mais notaveis vultos da nossa politica, ministro de varias pastas, até aos ultimos dias de vida conservou a sua individualidade, o seu typo, continuando-se da mesma forma e feitio, o que é tão raro.

Na politica portugueza desempenhou elle importante papel e o seu nome ficou ligado a valiosos trabalhos que foram applaudidos por correligionarios e adversarios, o que mostra bem o seu alcance. Era muito erudito, conhecia as questões publicas com grande clareza e era um distincto parlamentar, que, sem conservar odios a pessoa alguma, pela ironia e pela graça especial muito portugueza e muito fina, se fazia temer e receiar dos mais ousados. Não tinha a invectiva violenta, a brutalidade da phrase esmagadora, não varria a feira, como se costuma dizer, mas com o seu florete não houve uma vez unica em que o seu contrario não tivesse de dizer agora e logo, durante a lucta, *touché, touché!*

Habil conversador, d'um espirito caustico e acerado, contam se a seu respeito anedoctas curiosissimas, e deixou registadas dezenas de ditos d'um extraordinario chiste.

Pequenino, delgado, nervoso, muito magro, a sua figura tinha alguma cousa de gravura antiga, pedindo rabicho, caixa de rapé e bastão, e dos seus labios finos esperava-se ouvir sahir ou um madrigal bem confeccionado ou uma satyra a proposito, conforme a occasião.

Deixou um bom nome e uma recordação agradavel. Ha muito que se não fallava d'elle, que vivia retirado, recebendo apenas a visita dos seus velhos e dedicados amigos; por isso se não fez grande espalhafato com a noticia da sua morte, se não encheram as columnas dos jornaes com largos artigos a seu respeito e o seu funeral não foi muito concorrido. Se a morte o tivesse surprehendido no meio da sua gloria, no resplendor da sua existencia politica, como tudo se teria passado de outra fórma.

E' que até para se morrer é preciso ter sorte, jogar na *altura!*

*
* *

Felizmente, a par do *Te-Deum* em acção de graças pelas melhoras do sr. Lopo Vaz, outro acontecimento de jubilo temos a apontar: as melhoras do sr. conde de Valenças.

Alegra-nos em extremo este caso, porque o sympathico titular, um apaixonado pelas lettras e pelas artes, é dos poucos, que possuem fortuna, que se dedicam a estudar a marcha dos trabalhos litterarios e artisticos do nosso paiz, e que os coadjuvam, estimulando-os e concorrendo tambem com a sua parte. O conde de Valenças é, como sabem, um litterato por paixão e um estudioso por indole, tendo por isso, por intuição e por conhecimentos adquiridos, vantagens para apreciar e qualidades para distinguir.

O seu restabelecimento, pois, enche-nos de prazer, e, felicitando-nos, enviamos lhes a nossa felicitação.

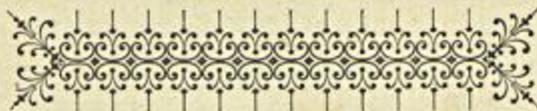
*
* *

E apenas como registro de acontecimentos, para fechar a chronica, aponto-lhes a recita de homenagem ao auctor do *Intimo*, no theatro de D. Maria II. E' facil de perceber os motivos que me impedem de fallar d'ella, o que é de vantagem para os leitores que não apanham uma estopada, e para mim que não tenho que a escrever.

Tambem havia de chegar a minha vez de não ter de fallar de originaes. Quando o *Intimo* entrou em ensaios, suspirei de contente e exclamei:

— Ora ahi está um artigo de que me livrei!

E estou a ver que sou capaz de escrever outra peça só para não fallar d'ella.

Eduardo Schwalbach Lucci.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL FLORIANO PEIXOTO

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DO BRAZIL

Os acontecimentos do Rio de Janeiro, de 23 de novembro ultimo, que determinaram a deposição do presidente da Republica, general Deodoro da Fonseca, levaram á presidencia o general Floriano Peixoto, de que publicamos o retrato.

Floriano Peixoto tinha sido eleito vice-presidente, na eleição da presidencia realisada em novembro do anno passado, e n'esta qualidade recebeu o poder das mãos do general Deodoro, obrigado a retirar-se da presidencia, pelo pronunciamento da armada que se levantou contra o dictador.

O general Floriano Peixoto, é natural da provincia d'Alagoas onde nasceu por 1842. Sentou praça no exercito brazileiro ao concluir o seu curso militar com notavel aproveitamento, e ganhou os postos a que tem chegado, no campo da batalha, tendo-se distinguido nas campanhas do Paraguay.

Quando se feriu a batalha de Aquidabam, que poz termo aquella longa campanha, Floriano Peixoto commandava o 9.º regimento de infanteria. Ao presente tem o posto de major general, posto que já tinha quando rebentou a revolução de 15 de novembro de 1889, que proclamou a Republica em todos os estados do Brazil.

A sua provincia d'Alagoas elegeu-o senador ás cortes constituintes, pelo que tomou parte activa na constituição da nova forma de governo do seu paiz, e foi eleito por unanimidade vice presidente da Republica.

Cedo teve que entrar em funcções, e os seus primeiros actos ao assumir o poder, foram levantar o estado de sitio á cidade do Rio de Janeiro, decretado em dictádura pelo seu antecessor, e revogar a dissolução do parlamento, determinada por Deodoro, mandando reunir immediatamente as cortes.

Estas medidas, satisfizeram o publico e tranquilisaram os animos exaltados pela dictadura militar do general Deodoro.

Entretanto é ainda o militarismo que domina o poder, e tanto basta para que não confiemos na tranquilidade do Brazil

Que o novo presidente da moderna Republica possa consolidar o seu governo e dar ao Brazil todas as felecidades de que é digno, é o que sinceramente desejamos.

O NOSSO SUPPLEMENTO

Caça aos Taralhões

Quadro de Henrique Pinto

Na Exposição do *Gremio Artistico*, realisada na ultima primavera, via-se um quadro que chamava logo a attenção de todos os visitantes.

Esse quadro, de grandes dimensões, pintado com brio e verdade, reproduzia um pedaço de paizagem; uma encosta verdejante dos suburbios de Thomar, onde um rapaz de escola, se quedou todo embebido em sua empreza arteira de armar aos taralhões, era devido á paleta do sr. Henrique Pinto, um artista já vantajosamente conhecido, mas que se apresentava com uma obra de mestre, chamando sobre si as attenções de um modo especial.

Effectivamente aquelle quadro destoava muito da maneira conhecida do artista, e revelava no seu auctor uma transformação completa nos seus processos de pintar.

Nós demos um abraço em Henrique Pinto e felicitamo lo pelo seu bello quadro, que honraria a pintura portugueza em toda a parte que fosse exposto

Desde logo fizemos tenção de reservar este quadro para o reproduzirmos em um supplemento do Occidente, prestando assim a nossa homenagem, de publicarmos em o nosso periodico essencialmente portuguez, um quadro que tanto honra a arte portugueza.

Este quadro foi logo adquirido por sua magestade D. Carlos I e foi, sem duvida, das melhores acquisições que el-rei fez na exposição.

BELGICA

EXCERPTO

(Concluido do n.º 467)

Padres belgas vinham reciprocamente a Portugal desempenhar as funcções do seu ministerio, porque eram as ordens religiosas que, cosmopolitas no sentido catholico da palavra, alimentavam as relações mais frequentes entre os dois paizes. E parece que se tem conservado até o presente seculo, nos portuguezes, uma especie de affeição filial pela *Alma Mater* de Louvain.

O dominio dos Filippes em Portugal, e a reconciliação das provincias catholicas nos Paizes Baixos, determinaram a emigração de alguns compatricios nossos para a Belgica. N'esses tempos logrou lá grande fama o insigne medico Antonio da Fonseca, por haver cambatido magistralmente uma epidemia terrivel, sobre a qual escreveu um tratado em latim.

Em o numero dos belgas illustres que, no seculo XVI, visitaram Portugal, conta-se o bom, o candido Cleynarts, de Diest, como o qualifica o barão de Reiffenberg.

Cleynarts, o mais amavel e o mais original dos eruditos do seu tempo na Belgica, fez uma viagem á Hespanha, onde foi convidado para mentor do sobrinho do vice rei de Napoles; no que consentiu. Acceitou depois uma cadeira de hebraico e grego, em Salamanca; mas sendo logo chamado por D. João III a Evora, para dirigir a educação de um de seus irmãos, naturalmente o cardeal D. Affonso, veiu para Portugal. Por seu conselho fundou aquelle monarcha uma escola publica em Braga, confiando a direcção d'ella a um amigo de Cleynarts, João Vasous, de Bruges, auctor de uma chronica de Hespanha.

De Evora escreveu Cleynarts ao seu amigo Latomus, a quem trata por mestre, umas cartas, que sobre o estado e costumes de Portugal offerecem particularidades muito interessantes, e são repassadas de fina mordacidade, alliada a uma profunda philosophia.

Em uma d'ellas, transcripta pelo barão de Reiffenberg, referindo-se á agricultura, diz que, «sendo esta o nervo principal de uma nação, em Portugal é de uma fraqueza extrema N'este paiz todos são nobres, — continua Cleynarts — e é uma deshonra exercer publicamente qualquer officio. Não ha mãe de familia, que seja capaz de ir ao mercado comprar peixe, e prepare em casa burguezmente uma caldeirada. As mulheres são muito linguareiras e não possuem dotes que as tornem praticas. Quando eu desse a quarta parte do que possuo, não encontraria uma mulher que quizesse ter a seu cuidado o meu arranjo domestico, á maneira do nosso paiz. Os negros e os mouros captivos fazem tudo. Os escravos pollulam de todos os lados. Ha em Lisboa tal quantidade d'elles, que excede quasi o numero de portuguezes livres Difficilmente se encontra uma casa que não tenha pelo menos uma creada d'esta especie. E' ella que sáe a fazer as compras, que lava a roupa e a casa, que vae buscar agua; n'uma palavra, é escrava, que não differe da besta de carga, senão pela figura. As pessoas ricas têem escravos dos dois sexos. Desde que puz pé em Evora, considero-me transferido para uma cidade do inferno Por toda a parte não topo senão com negros, aos quaes tenho tamanha aversão, que sómente ella bastaria para me fazer fugir d'aqui. A Providencia, porém, deparou-me generosamente um amigo, o arcediago e doutor João Patit, de Paris. Moro perto de sua casa, e elle chama-me sempre que está posta a sua mesa. Até o presente nada tenho com escravos. Serve-me, e bem, um homem já idoso, além d'isso meu patricio. Se eu me sujeitasse aos usos do paiz, começaria por ter de sustentar uma mula e quatro lacaios. E como fazel o? Jejuando em casa, para brilhar na rua, e contrahindo dividas que não podia pagar. E' este o modo de vida de um perfeito cortezão. N'este momento acode-me á lembrança um individuo, que vos fará ajuizar dos outros. Entre elle e um francez havia seus dares e tomares, filhos de inveja reciproca, O portuguez offuscava o estrangeiro pela ostentação. O francez, porém, tinha melhor mesa, e conhecendo os habitos locaes, procurou e conseguiu muito industriosamente vêr o livro, em que o seu antagonista lançava as despezas diarias. Verificou que o homem se sustentava de rabanetes, pão e agua.

«O grande luxo é andar pelas ruas com um sequito numeroso de escravos. De ordinario, quando um senhor sáe á rua, dois dos seus escravos marcham na frente, o terceiro leva a gorra do amo; o quarto a capa, se não chove; o quinto pega nas redeas do palafrem: o sexto traz os sa-

patos de seda; o septimo uma escova, o oitavo um panno para enxugar o suor do cavallo, emquanto o senhor ouve missa ou conversa com algum amigo; o nono vem munido de um pente para o senhor concertar o cabello, quando tem de se dirigir a alguma pessoa importante.

«Estão de tal fórma inveterados estes costumes, que os nossos compatricios, uma vez iniciados n'elles, dão-se logo ares de fidalgos, e julgar-se iam deshonrados, se elles proprios trouxessem a carne para casa, ou mostrassem que sabiam fazer uso das mãos que Deus lhes deu.

«Aqui o amor da ociosidade é tão forte que, de bom ou mau grado, as pessoas de bem se vêem obrigadas a servir-se com escravos e aturalos com prudencia e paciencia de santo.

«Permitta o céu, todavia, que se demore a côrte em Evora; não só por causa do meu douto e excellente arcediago, mas dos meus negocios caseiros.

«Em outro tempo mediam-se os philosophos pelas barbas. Em vista das minhas, cheguei aqui com uma grande bagagem de sabedoria e de felicidade.»

E n'este estylo dava conta de suas impressões o douto Cleynarts.

No seculo XVII alguns belgas concorreram para se melhorar a nossa agricultura.

No seculo XVIII, com o estabelecimento da celebre *Companhia de Ostende* houve, entre a Belgica e as colonias portuguezas um commercio activo. Porém esta companhia creada, em 1723, por capitalistas de Bruges de Gand e de Anvers, progrediu tão rapida e tão brilhantemente, que cousou inveja á Inglaterra, á Hollanda, á França, á Prussia, á Dinamarca e á Suecia, e estas nações reclamaram de Carlos VI a suppressão d'ella, o que se realisou pelo tratado de 31 de julho de 1731

Depois de 1830, os representantes de Portugal junto da côrte de Bruxellas têem contribuido sempre para se estreitarem, entre os dois paizes, os laços de interesse e affeição. Um d'esses representantes foi Garrett. Pois, pedindo venia ao sr. Francisco Gomes de Amorim, transcreverei do seu precioso monumento, levantado á memoria do immortal poeta das *Folhas caídas*, parte de um officio que o seu biographado, na qualidade de encarregado de negocios, na Belgica, dirigiu ao ministro dos negocios estrangeiros do gabinete portuguez, em 1825.

Não serei eu que mostre não só ignorar quanto devemos á sympathica nação belga, mas que lhe não tribute cordial affecto e profundo respeito, como parte, embora modesta, que para mim tomo da divida do meu paiz.

«Agora a palavra a quem tão brilhantemente sabia usar d'ella:

«Por diversas vezes tenho tido a satisfação de levar ao conhecimento de v. ex.ª e dos srs. ministros seus antecessores, para subir ao de sua magestade a rainha nossa augusta soberana os muitos, repetidos e não equivocos testemunhos de cordial amisade e sincera affeição que esta côrte e governo continuamente têem dada, tanto para com as pessoas de sua magestade e de sua augusta familia, como para com a nação portugueza em geral. E folgo de poder afiançar a v. ex.ª que n'isto os soberanos e governo belga não faziam mais do que expressar e representar os sentimentos e voto universal de seus subditos. N'este tão agradavel estado de relações havia circumstancias, que, se é licita a expressão, removiam toda a idéa de banalidade do que vulgarmente se chamam — relações de *boa amisade* entre potencias que não têem um immediato e forte interesse qae as una.

«Entre estas circumstancias era sem duvida a primeira as ligações de estima e affecto que a augusta familia de Portugal, quando quasi toda refugiada em Paris, ahi formára com a da rainha actual dos belgas, princeza cujas virtudes, raro merecimento e transcendente instrucção e talentos fazem a admiração de quantos têem a fortuna de a conhecer. Segunda, mas não secundaria em influencia, é certamente a bondade e lhaneza de coração de el-rei, sua muito verdadeira devoção pela pessoa — e hoje ainda pela memoria de sua magestade imperial que Deus tem em gloria, e seu vivo interesse pela causa constitucional em que os portuguezes tanto bem-merecemos da Europa por nossos sacrificios, perseverança e victorias. Em ultimo logar emfim, mas não derradeiro, devo mencionar os estreitos vinculos de gratidão e benevolencia que entre esta nação e a portugueza se formaram pela longa residencia das muitas familias emigradas que aqui acharam aquella franca, generosa e proverbial *hospitalidade flamenga*, de que nenhum outro povo — nem os que mais nossos amigos se disseram sempre — nos deram nem mostra leve nos dias de nossa desgraça e abandono. Nem são pequenas provas d'esta verdade as quantiosas dividas que os nossos aqui contrahiram, das quaes se bem o nosso governo já fez *embolsar* quasi todo o *dinheiro*, não está, todavia, pago o que valia mais que elle, a generosidade e confiança com que foi prestado. V. ex.ª não ignora que além d'estes auxilios particulares, os nossos os receberam tambem dos cofres publicos da nação; e tambem saberá de certo que ainda devemos a este governo uma somma não insignificante por equipamento de soldados que do serviço belga passaram para o da rainha fidelissima. E devo acrescentar, em honra da verdade, que se todos estes obsequios e favores lembravam ao bemfeitor, era só para lhe fazer mais acceito o beneficiado (segundo tanto a miudo se vê), mas nunca percebi a menor indicação de que elles lembravam para se lançarem em cara.

«Tendo eu, pois, tido a fortuna de fazer communicações tão agradaveis, dobrado me peza e amargura hoje o ter de dizer a v. ex.ª que estão mui longe de ser actualmente os mesmos aquelles sentimentos de cordialidade e de affecto. E se (o que Deus afaste) a desgraça ou a precisão nos tornasse a pôr em circumstancias de recorrer á sympathia d'esta nação, de quem tanto nos valemos, haviamos de achal-os bem differentes e outros.

«De que nos accusam pois, e quaas são as queixas que de nós têem? Accusam-nos de ingratos, e de que esquecermos na prosperidade os amigos do tempo de infortunio, que agora desprezâmos e tratâmos de resto, emquanto somos todos deferencias e obsequios para com aquelles que então nos desprezaram e aggravaram. Bagatelas, insignificantes sem duvida, mas a que em toda a parte, como a signaes de convenção, se dá importancia, deram causa a estes queixumes, que tiveram sua origem na côrte, mas que se estenderam pelo paiz, e se *nacionalisaram* estendendo-se.»

Triste! E muito mais porque não é condição do povo portuguez o ser ingrato. Mas a sua criminosa indifferença consente em que os seus governos pratiquem actos, cuja expressão nem vislumbres tem da vontade nacional. A alma popular é optima, a educação que lhe tem dado á pessima.

Zephyrino Brandão.

UM ATAQUE...

(A Ricardo de Souza)

Pela estrada poeirenta e comprida como uma fita desenrolada, o João da Thereza, marchava penosamente, de volta ao Cazal.

Trinavam os passaros nas oliveiras e na beira das vallas as rãs enchiam o ar com as notas roufenhas do seu coaxar. Ouviam-se tilintar alli perto, campainhas d'umas cabras que pastavam e, ao longe, uma nóra gemia a sua toada desesperadora e monotona...

*

* *

Já elle avistava o Cazal, a branquejar lá diante, por entre a ramaria verdenegra do pinhal, quando estacou de subito, cabeça no ar e os punhos fechados, n'uma attitude ameaçadora.

— Má raios, berrou elle. Aquella corja precisa tosquia! E hão de leval-a, ladrões...

E como se este desabafo o tivesse deixado mais animado para a marcha, o João continuou a caminhada.

Cahia o sol a prumo sobre as espigas lourejantes dos trigaes, onde o encarnado forte das papoilas punham tons alegres, vistosos...

A natureza parecia erguer, n'um murmurio confuso, um hymno magistral ao Creador. Sentia-se despenhar a agua d'uma azenha n'uma crepitação sonora de cristaes...

E as rôlas, n'uma lubricidade amorosa, beijavam-se voluptuosamente, como pretendendo demorar o prazer do beijo...

Da Terra reverberante, saiam emanações uberrimas de força e de gestação, e a brisa trazia comsigo o perfume balsamificado dos pinheiraes, que negrejavam desde o Cazal até á aba da serra.

O João é que não prestava a minima attenção a todas estas bellezas da Natura. Havia um bocado que caminhava quasi a correr, bufando de colera e cansaço. E, entrecortadas, saiam-lhe da bocca repetidas vezes estas palavras:

— Espera... que já os arranjo... ladrões... Esperem...

E corria cada vez mais.

*

* *

No grande trigal que lhe cercava a propriedade vira o João, saltitantes e brincalhões, bandadas de pardaes a banquetearem-se, soltando aos ares pios escarninhos, como que a desafiar o João que elles viam vir offegante pela estrada fóra. E, á chegada d'elle, repentinamente, n'uma algazarra enorme de pios agudos, como gralhada d'um bando de gaiatos surprehendidos em flagrante, levantaram vôo e foram poisar nas arvores que estavam perto.

Elle apanhára, mesmo correndo, uma pedra, que trazia na mão, em attitude de arremesso. E como o inimigo já estava fóra do alcance do seu dardo vingador, olhou os pardaes, que nas cômas onde se tinham acoutado, pareciam rir se d'elle, e resmungou ainda, n'um desabafo supremo, rancorosamente:

— Sucia de ladrões!

Mas a pardalada continuava a chiar alegremente, como se soubesse que elle, o João, não podia estar sempre alli, para lhes empecer o seu assalto devastador, de bandidos...

Eduardo de Faria.

A ROTAÇÃO DA ESPHERA

(CONTO SOCIAL)

Principiou o inverno a envolver o hemispherio em seu alvo manto de gelos.

O ceu perdeu o tom azulado, que parecia sorrir-nos, e as arvores, ainda ha pouco vestidas de verdura e flores, agora completamente nuas, balouçam-se ao gelido e furioso sopro do vendaval nascente.

As folhas amarellas, enrugadas, fendidas pelas gottas congeladas das primeiras chuvas, vôam no espaço arrebentadas pelo nordeste, semelhantes a bandos de seres alados, que se vão em demanda de regiões menos agrestes.

O cantico alegre das aves foi substituido pelo silencio tetrico da solidão medonha.

O ruido horrisono das torrentes, levado nas azas do vento, imitando o brado do trovão longinquo, succedeu ao murmurio brando do arroyo e ao ciciar da brisa.

E, todavia, apesar de transição tão rapida e profunda, a natureza é ainda bella no meio dos seus horrores.

Quem assim não o sente é apenas a miseria, a indigencia, essa ulcera social, que toda a sciencia, adquirida no prepassar constante das civilisações, não poude ainda curar.

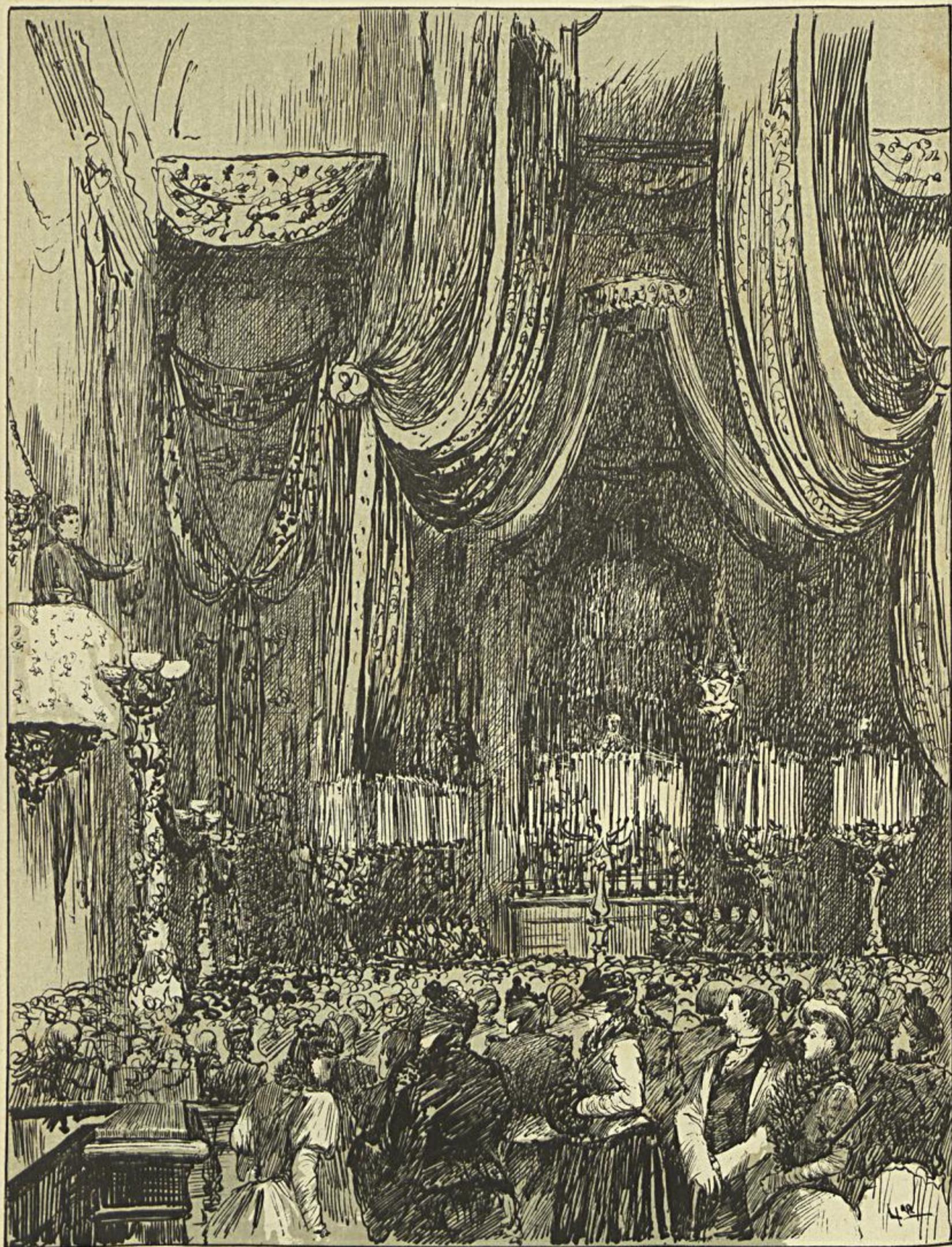
O pobre vê, transido de medo, com terror indefinivel, approximar-se esse inimigo implacavel, que lhe rouba o calor vivificante do sol, que o aquece e lhe enxuga os farrapos; lhe alaga o ninho fofo do féno no meio dos campos, e lhe encurta a luz consoladora do dia, dando-lhe em troca uma noite interminavel, em que o calor se extingue á mingua de combustivel, e o frio centuplica de intensidade.

Ha miserias que se consolam com um raio de sol e uma codea de pão duro, molhado na agua crystalina da fonte, que o mesmo raio do sol adoça·

Estas miserias; que, em plena sociedade, passam hombro a hombro da opulencia e do conforto, vivem tão ignoradas que lhe parecem ser um mytho.

Ao começar do inverno, ao vêr cahir os primeiros flocos de neve, que, accumulando-se, produzem em alguns segundos camadas espessas de gelo, o meu primeiro pensamento é consagrado á pobreza, que n'aquella hora não terá em casa uma fatia de pão nem uma acha de lenha, ao passo que em milhares d'outras residencias não faltam os commodos, que dão a mediania, ou os mimos, que ministram a abundancia

É preciso que os povos pensem mais sériamente nos meios de combater o pauperismo, para que não pareça um insulto á miseria o facto de a nossa sociedade escolher precisamente a epocha do anno mais desfavoravel á indigencia para n'ella se entregar aos passatempos faustuosos dos bailes, dos jantares, das ceias, dos espectaculos, e de toda a ordem de distracções, que demandam dispendios avultados, e que lhe são parallelo antithetico bem triste, bem desgraçado!

Estas divagações, que ao sabor da penna, aca-

«TE-DEUM» NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MARTYRES

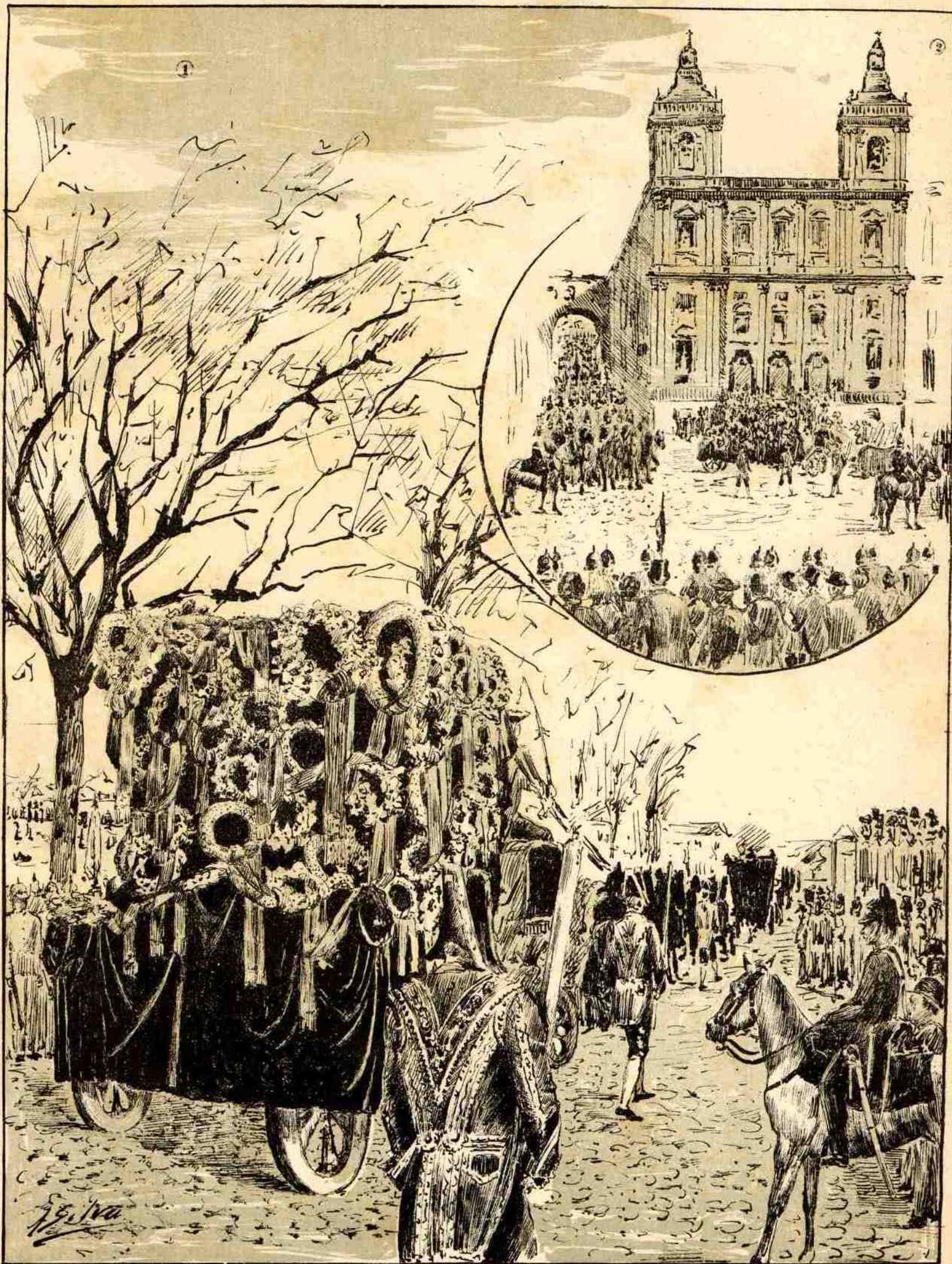
em acção de graças pelo restabelecimento do conselheiro sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello — 20 de dezembro de 1891 (Vid. *Chronica*)

(Desenho de L. Freire)

Supplemento ao n.° 468 do «Occidente»

21 DE DEZEMBRO DE 1891

BELLAS-ARTES

A CAÇA AOS TARALHÕES — Quadro de Henrique Pinto

1 Passagem do cortejo funebre no Campo de Santa Clara. — 2 Chegada do feretro a S. Vicente de Fóra.

FUNERAL DE D. PEDRO DE ALCANTARA DE BRAGANÇA EX-IMPERADOR DO BRAZIL, Vid. *Chronica*

(Desenho de A. Silva)

bo de traçar, sem correcção, sobre o papel em que escrevo, trouxeram-me á memoria um facto, cuja veracidade affirmo, á fé de contista, como testemunha presencial que d'elle fui.

*
* *

Era em plena noite d'inverno. Os relogios acabavam de dar doze horas. Meia noite. Era o bater compassado do bronze, que annuncia, um dia de menos na existencia dos seres, e um movimento de mais, ainda que imperceptivel, no volver da eternidade.

Horas de profundo meditar, em que a alma se extasia em arrobamentos infindos, desferindo o pensamento veloz ás regiões vagas do idealismo.

N'esta mudez da noite a lua é sem brilho, as estrellas fulguram irradiantes, e um silencio sepulchral reina em toda a cidade.

Triste e só, attrahido pelo melancholico espectaculo da natureza, immersa em fundo e celestial lethargo, propuz-me divagar ao accaso, apesar de a nevoa, cada vez mais empregnada de humidade, e por isso mais pesada, ter estacionado, adherindo aos ramos das arvores, e tendendo como as aguas, a cobrir os terrenos mais baixos.

Mui poucas luzes de pallido reflexo se distinguiam com difficuldade através d'algumas vidraças.

Em breve uns sons d'orchestra, vagos, longinquos, infindos, desviaram o curso das minhas ideias, a corrente das minhas reflexões.

Aquellas harmonias, que assim ousavam profanar o silencio da meia noite, attrahiam-me agora instinctiva, nntural, irreflectidamente

Fui. Os sons tornaram-se-me pouco a pouco mais distinctos, e o clarão mais vivo dos lumes depressa me envolveu n'uma aureola de luz, que, atravessando as jenellas, rompia em projecções as trevas exteriores.

Lá dentro perpassavam os pares em dondejante valsa n'uma rapidez vertiginosa, simulando quadros dissolventes; e as maviosas notas, soltas dos instrumentos, casavam-se admiravelmente com as alegrias dos convivas.

Era um baile; não havia que duvidar.

Parára o redomoinho. Um par elegante, gracioso, aproxima-se da sacada. Presente-se o ruge-ruge das sedas.

Escondido na penumbra, cosido com a parede, poude ouvir distinctamente o dialogo seguinte:

— Dize que me amas: tuas doces palavras derramam balsamo suave na minha alma afflicta.

— Amo-te, amo-te, mermorou elle, estreitando-a contra o peito. Era um quadro d'amor de uma poesia morna, apesar do frio da noite.

— Ao menos em quanto escuto a tua voz, proseguiu ella; em quanto as tuas caricias me abrasam, fogem para longe de mim os presentimentos funestos, as tristes ideias, que me atormentam, como remorso lancinante por haver assim esquecido os deveres de esposa.

—Logo amas-me como eu desejo ser amado?

— E perguntas-m'o! Ignoro o que por mim se passa, porém, juro-te que te amaria apesar do ceu e do inferno.

E ella inclinou a cabeça no hombro do mancebo, que a beijou na fronte.

Era a rainha da festa; rainha pelo fausto e pela belleza, que contava n'aquella hora mais um vassallo na lista dos escravos acorrentados á sua plastica fascinante, embora essa conquista fosse mais uma nodoa a envilecel-a perante o tribunal incorruptivel da consciencia.

Incommodou-me aquelle dialogo, e desviando bruscamente a vista, fitei-a casualmente n'um vulto, que, perto da casa onde imperava o prazer, se me figurou contraste vivo d'aquelles brilhos.

Era uma pallida joven, envolvida em andrajosas vestes, para quem a vida me pareceu pesadissimo fardo.

Arquejante, desfallecida, balbuciava com custo.

— Tenho fome!... Dae me uma esmola se não quereis que morra de fome!... Fui ali pedir, e apontava a casa do baile; fui ali pedir, e expulsaram-me sem piedade!

....

Prepassaram os tempos; aquella supplica afflictiva ainda não se me tinha apagado da memoria, quando, em occasião quasi identica, a tornei a ouvir pronunciada por uns labios menos juvenis, mas em um rosto, que devia ter sido formosissimo: a supplica terminava assim—fui rica!

O tempo é como uma esphera immensa; á medida que roda em torno do seu eixo, vae mostrando os differentes relevos da sua superficie, até voltar novamente ao ponto da partida.

O preterito é a licção proficua do presente e do porvir.

Nada deve admirar-nos se os factos, que se succederam no prepassar invariavel dos tempos, reapparecem mais tarde.

Opulento fôra Job, e a sua indigencia é proverbial.

Assim aconteceu á rainha do baile da meia noite, perante cuja belleza se renderam milhares de corações, pois era ella, que, no devolver dos annos, luctando com o peso do infortunio, para ella enormissimo—porque fôra rica—pedia esmola—porque tinha fome!

A. Motta.

O NATAL DA ALICE

Havia mais de oito dias, que não visitava o meu amigo conselheiro.

Oh! mas o dia de Natal é que eu não passava sem o vêr.

E não passava por dois motivos: primeiro, porque era o dia em que elle reunia á sua meza, toda a rapaziada conhecida do seu tempo; segundo, por que depois do jantar, entre o gamão e o charuto, levavamos a palestrar tempos infinitos, passando em revista todo um passado de campanhas, de que ainda hoje nos lembramos saudosos.

Quando atravessei o parque, vi a distancia, a cabecita loura da Alice, que, encarrapitada na borda do lago, seguia com a vista o serpentear dos peixes, e se entretinha a atirar-lhe bocaditos de pão.

Assim que me avistou, veiu correndo agarrar-se-me ás pernas, e emquanto eu lhe pegava para a beijar, enlaçou-me com os bracitos, dizendo tristemente:

— Olhe, não sabe? estou muito zangada com o Menino Jesus!..

— Porquê? Então elle não te deu nada este anno?

— É verdade.

— Ah! É que não puzéste o sapato no sitio do costume.

— Puz, puz, na saleta, ao pé do fogão; mas hoje, quando me levantei, fui vêr o que elle me tinha trazido e não achei senão o sapato... Então fui ter com a mamã que estava no quarto do papá, a chorar...

— A chorar!?...

— Sim,... a chorar... e o tio João... e o avô... e a Joaquina... estavam todos a chorar muito... e eu puz-me a chorar tambem... sem saber porquê.

— Ora essa! tornei um pouco sério, e não sabes porque choravam?

— Não. A mamã disse-me assim: «minha rica filha, vai dar um beijo em teu pai, anda» e agarrou-se a mim com uma força... Depois fui beijar o papá... Estava friio...

Iamos quasi a transpôr a porta da escada, quando uma campainhada no portão do jardim, me fez voltar a cabeça.

Fiquei como que fulminado!...

Um moço trazendo ás costas um caixão, esperava que lhe abrissem a porta.

Foi quando percebi o motivo porque o Menino Jesus tinha faltado ao seu compromisso com a Alicita.

Ricardo de Souza.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXIII

SALVAÇÃO INESPERADA

Foi grande a surpreza de Fernando Telles e Luiz Ferreira Lobo quando viram que Tossaud em vez de os levar á presença do coronel se contentava em os apresentar ao seu ajudante, um tal Balmont, homem intratavel e cruel, cujo odio aos portuguezes lhe deu uma tristissima celebridade nas carnificinas de Beja, em 28 e 29 de julho de 1808.

Balmont andava passeando na secretaria quando Tossaud lhe foi annunciar a presença dos presos.

— Ah! apanhaste-os? rugiu o ajudante. Bom serviço... Manda-os entrar.

Possaud saiu esfregando as mãos, satisfeito das palavras de elogio que lhe dispensára Balmont, que, diga-se a verdade, não era muito fertil em lisonjas, e voltou, instantes depois precedendo Luiz e Fernando.

O ajudante ao vêr no rosto dos dois recemchegados signaes evidentes de surpreza começou a rir despropositadamente e esta estranha recepção produziu nos dois amigos um sobresalto de desconfiança.

Nunca tinham visto rir Balmont que não fosse de regosijo por algum acto de malvadez praticado ou mandado executar por elle.

O rir d'aquelle homem era como um dobre funebre, um presagio de mau agouro:

Fernando começava já a impacientar-se e pouco faltaria para castigar a insolente desatenção do ajudante, quando este parou subitamente de rir e disse olhando para os dois amigos:

— Aposto que não sabem a rasão porque Tossaud os trouxe á minha presença, em vez de os levar á presença do coronel?

— De certo que não, respondeu Luiz, que estava mais senhor de si, emquanto Fernando amachucava o chapéo entre as mãos, desejoso de poder fazer o mesmo ao ajudante, para o obrigar, ao menos momentaneamente, a perder aquelle tom chocarreiro.

— Foi porque o coronel, continuou Balmont, recebeu uma carta que os denunciava como conspiradores, patriotas, emfim punha nos ao corrente de que mais uma vez as apparencias illudem...

— Uma carta anonyma?... interrogou Luiz.

— Não sei que a não vi.

— E as provas?

— O coronel deve tel-as positivas, porque emfim não se manda assim prender sem mais nem mais dois homens que tinhamos por amigos, e que até certo ponto nos prestaram serviços importantes... Mas com mil bombas, explosiu Balmont dando um socco sobre a mesa que estava amontoada de processos, os traidores são de todos os tempos e quando não ha campo para muitas indagações apanham-se e fusilam se.

— Presos, nós? Exclamou Luiz aterrado!

— Acusados de traidores? Ora decididamente alguem se esteve divertindo comnosco e com os srs. officiaes do imperador, acrescentou Fernando mostrando um meio sorriso motejador.

— No conselho terão occasião de explicarem bem as cousas como ellas são. O nosso coronel quer dar-lhes essa honra. Não por meu voto porque eu entendo que todo o tempo gasto com as formalidades de um julgamento é tempo roubado ao serviço do nosso imperador... Uma duzia de ameixas e acabou-se o negocio.

— Tem rasão sr. Balmont a vida de dois homens vale tão pouca cousa — seria muito mais simples estarem-nos fusilando até já n'este momento... Sim porque afinal para que servirá justificar a nossa innocencia se os juizes já levam para o conselho a sentença escripta, antes mesmo de nos ouvirem. Tem muita rasão sr. Balmont e até lhe pedimos que dê as ordens que nos dizem respeito com a maior brevidade possivel, para que não incorramos na falta de roubar os seus bons officios ao serviço de sua Magestade Imperial.

— Estão com pressa de conhecer o quarto para onde vão passar a noite, vou fazer-lhes a vontade. O que é pena é que a cadeia não tenha commodos á altura de receber tão illustres hospedes... Se fosse em Paris tinhamos bem por onde escolher... Bicetre, o Templo... N'esta ultima até lhe podiamos destinar o Oratorio onde passou a ultima noite Luiz XVI antes de ir para o cadafalso O imperio em attenção ao desditoso monarcha ainda lhe conserva a mobilia que para ali mandou a assembléa nacional para seu uso particular. Uma boa gente, afinal, aquellas sanculotes.

Balmont ao concluir de dizer isto havia igualmente concluido de escrever algumas linhas sobre uma meia folha de papel.

Levantou-se e entregando-a a Tossaud:

— Aqui tem a guia Tossaud. Conduza estes homens á cadeia, mas previna se de uma boa escolta para o caso de quererem dar fuga aos presos.

— Descance sr. Balmont, nós não somos dos que fogem, insinuou Fernando Telles. Póde dormir a somno solto e pedir ao Deus mythologico que lh'o povôe das visões mais aprasiveis, que pela nossa parte não faremos o mais pequenino esforço para obter a liberdade. E' mesmo muito possivel que até nol-a vão offerecer... mas não aceitaremos... Se eu lhe garanto que não somos dos que fogem... emquanto que com o sr. Balmont já o caso muda de figura, é possivel que seja dos que nos deixem mais depressa do que pensa.. do que terei pena.

Balmont estava roxo de colera, comprehendia bem que n'aquelle trocadilho de palavras expres-

sadas demais a mais com a acentuação ironia com que Fernando Telles as dizia, havia o quer que era de ameaçador não só para elle mas para todos os francezes. Era evidente talvez, até, que a prisão preventiva de Fernando e de Luiz fosse o meio de fazer abortar alguma grande conspiração que ha muito se preparava e da qual iam agora apanhar o verdadeiro fio.

— Tossaud, leve esses homens, ordenou Balmont. Responde-me por elles com a sua cabeça!

Tossaud, fez um signal aos prezos que o seguiram, dirigiu se depois ao commandante da força e este pôz logo dez homens á sua disposição.

Como dissémos os Telles eram muito considerados e Fernando gosava entre o povo de grande prestigio.

A vista pois d'elle e do seu amigo entre dez soldados francezes atravessando as ruas de Beja havia de chamar, como chamou, a attenção dos populares, e dentro em pouco, em toda a cidade, a noticia da prisão de Fernando Telles causava tão viva impressão e era commentada por tal forma, que logo n'aquella noite a guarda da cadeia foi reforçada.

No dia seguinte a agitação em Beja era enorme. Berthier reconheceu que tinha andado imprevidentemente sujeitando Beja ao espectaculo do passeio pela cidade entre uma escolta, de dois rapazes que toda a gente conhecia e estimava.

Preveniu-se o melhor que poude para as eventualidades que d'ali poderiam subrevir Mandou recolher todas as sentinellas e concentrou toda a força n'aquillo a que chamava o seu quartel general.

Afinal só contava uns trezentos homens ás suas ordens. Kellerman, que n'essa occasião tinha toda a sua attenção voltada para Badajoz que sitiava com as forças do seu commando, tinha mandado ir para a fronteira os soldados de Berthier á proporção que Beja fôra entrando em socego.

A licção fôra rigorosa e os receios de Kellerman sobre as probabilidades de uma nova sublevação em Beja haviam serenado pouco a pouco. Berthier escrevia-lhe dizendo que não governava homens mas sim cordeiros.

De repente, porém a prisão de Fernando veiu dar uma phase muito diversa ao modo de vêr do coronel francez.

Berthier não quiz mandar os soldados para a rua sem que primeiro o precedimento do povo désse rasão a uma repressão violenta.

Logo de manhã começaram a vêr-se nas ruas e na praça muitos grupos de populares. O assumpto palpitante era ainda como na vespera a prisão de Fernando.

Mas agora os commentarios já se faziam no meio de protestos violentos e de ameaças, de gritos e de pedradas ás janellas da cadeia.

Berthier achou conveniente mandar algumas patrulhas dobradas espalhar os magotes de povo que se íam tornando mais compactos, mas defronte da cadeia os soldados são apedrejados e quanto tentam fazer fogo são agarrados e desarmados no meio de um tumulto medonho.

Mais de dois mil populares, homens e mulheres, agarraram nos quatro soldados e levam-nos arrostados até ás portas da cadeia, pedindo em altos gritos para que Fernando Telles e Luiz sejam postos immediatamente em liberdade, promettendo entregar os soldados com vida.

Da cadeia ninguem responde e então os quatro desgraçados são martos e trucidados horrorosamente.

Dentro da cadeia estabelece-se tambem a lucta.

A pequena força ali de guarda aos prezos quer obrigar a conter estes que se insubordinam e revoltam. Mas o numero é desigual, e apezar de armados, os soldados francezes succumbem e deixam as armas nas mãos dos revoltosos que abrem as portas da cadeia e saem a confraternisar com o povo que os applaude.

Mas passado este primeiro impulso todos os olhares procuram Luiz e Fernando Telles que não apparecem.

— Vamos buscal-os... Hão de sair, exclamam algumas vozes.

Alguns mais destemidos vão já para entrar na cadeia, quando se ouve já perto o rufar d'um tambor.

— São elles, são os francezes!

Porém o espanto é grande quando em vez de uniformes dos soldados do imperador se distinguem quarenta homens marchando em boa ordem vestindo o uniforme da nossa infanteria e trazendo á frente o coronel José Lopes de Sousa e a seu lado o capitão Sebastião Joaquim Mestre.

Então o enthusiasmo toca as raias do delirio. Os vivas, as acclamaçoes succedem-se com frenesim. O povo abraça os voluntarios e trocam-se beijos e abraços commovedores.

N'um instante as attenções voltavam-se para outro lado era Fernando Telles acompanhado de Luiz que acabava de apparecer.

A sua chegada foi uma nova saudação.

Fernando Telles subiu a um degrau e agitando o chapeo agradeceu ao povo a grande prova de sympathia que acabava de lhe dispensar e que lhe seria toda a sua vida de grata recordação. Depois fallou do despotismo francez, uma copia fiel da dynastia filippina. Das atrocidades que haviam commettido em todo o Portugal e dos horrorosos assassinatos dos dias 28 e 29 de julho, em Beja. Da sua prisão como conspirador e patriota, como se houvesse algum portuguez, que não tivesse escripto no coração em letras de sangue a palavra — vingança!

E accrescentou:

— Prenderam-me como patriota... pois seja... sim... sou patriota. Abaixo a usurpação franceza! Viva Portugal! A's armas! A's armas!

E' indscriptivel o que estas palavras produziram.

Por muito tempo cruzaram-se no ar os gritos de acclamação, os protestos de vingança e as ameaças rancorosas, mas a estas duas mil boccas humanas responderam as boccas das trezentas espingardas francezas, n'uma descarga cerrada deixando a praça envolvida n'uma densa nuvem de fumo.

De todos os lados partiram gritos de terror, ais de afflição, rugidos de desespero.

— A elles, a elles exclamava Fernando Telle animando o povo.

— A elles, a elles, meus bravos, exclamava Lopes de Sousa incitando os seus voluntarios.

Uma hora depois os poucos francezes que restavam fugiam em debandada indo reunir-se mais tarde com Berthier a Kellerman que extenuava os seus soldados inutilmente para se apoderar de Badajoz.

Em Beja nomeou-se depois uma junta á qual pertencia como vogal o coronel José Lopes de Sousa, promovido por ella a marechal de campo, dando-lhe por ajudante o capitão Sebastião Martins Mestre com o posto de tenente coronel de infanteria do corpo denominado *Oo voluntarios de Beja.*

Continúa.

Julio Rocha.

CONTOS MILITARES

O DEZESETE DA 4ª

O 17 da 4ª era um bello cavallo alazão: bem talhado, vivo, generoso e docil.

Servia na fileira como montada de um pequeno clarim travêsso, que lhe queria tanto e tanto como que se o cavallo e elle fossem um unico sêr.

É que ó clarim — o *Meia Onça*, — como os soldados o alcunharam, trazia ainda represados no coração todos os sentimentos castos da sua edade, porque o desgraçadito, que era engeitado, não tivera até então a quem se dedicasse.

O 17, quando via o clarim, escarvava de prazer, e como que sentia gratas titilações nas pequenitas orelhas, que agitava tôlamente, nervosamente.

A' limpeza procurava e conseguia ás vezes colher desprecatado o rapazito, em quem, dôcemente, empregava a dentadura branca, que retirava rapidamente, muito contente do seu gracejo.

Eram dois tôlos.

* * *

Decorreu o tempo.

O 17 foi envelhecendo, e o pequeno clarim fez-se homem.

Terminado o prazo do alistamento, e quando teve de abandonar o quartel, o pobre moço não tinha pernas que o tirassem d'alli. E' que tinha pena, muita pena, de deixar o seu fiel alazão, que tantas vezes lhe minorára a fadiga das marchas, e com quem tantas outras brincára na sua descuidosa infancia

Fez um esforço.

Mas antes, e descendo é cavallariça, olhou em deredor de si e aproximou-se, rapido, do seu querido amigo, que era obrigado a deixar.

Este, avistou tambem o clarim, e como que permanecêra na quietude d'uma especie de concentração aliás commevedora.

— Meu bom alazão!... balbuciou o rapaz com lagrimas na voz, e os olhos rasos de agua, ao mesmo tempo que cofiava as crinas do cavallo.

Depois encostou-se-lhe á garupa e ficou n'uma especie de modôrra ascetica... n'um arroubamento d'alma de que foi desperto pela voz de sentido, dada sonoramente por um cabo em continencia a um capitão.

Soffreando os soluços, que pretendiam expôl-o aos gracejos insulsos da soldadesca alvar, o *Meia Onça* sahiu da cavallariça em crispaturas... n'uma commoção reprimida, que necessitava desentranhar.

E o 17 lá ficava entre duas baias — silencioso e triste, — como que chorando a ausencia do clarim, com quem tantas vezes brincára ás horas da limpeza, como dois collegiaes muito amigos durante as horas de recreio.

* * *

Passaram mais cinco annos.

O *Meia Onça*, infeliz desde o berço, que encontrara vazio de caricias maternaes, continuou a ser infeliz atravez de todos os periodos da sua triste existencia.

Victima d'uma tuberculose, que o consumia dia a dia, hora a hora, instante a instante, estendia, em ultimo recursa, a mão mirrada á caridade, que nem sempre lhe sorria compassiva.

Uma noite... era em dezembro: a atmosphera exhibia-se carrancuda, e um frio penetrante, glacial, insupportavel, cortava como lancetas.

O clarim — mal enroupado, sem meios e sem abrigo — vogava ao acaso, na esperança esboçada d'um tecto compassivo, que o arrancasse aos rigores inexoraveis d'aquella noite cruel.

Depois de muito fatigado, e muito perto de succumbir, a Providencia conduziu-lhe os passos para uma sordida cavallariça, onde, suspenso d'um defumado arame, existia um tôsco candieiro, cuja luz tenue e oscillante lhe deixára ver um homem ordinario, uma velha carroça de duas rodas, alguns punhados de palha serrotada, uns arreios grosseiros e immundos, e, na penumbra, o vulto esqueletico d'um cavallo immovel, silencioso, nostalgico.

Fôra ali que o pobre do *Meia Onça* conseguira pernoitar pela derradeira vez, pois que a fatal doença que o minava ia, durante aquella noite de gêlo, dar-lhe o golpe de misericordia... dirimir-lhe o seu soffrer.

Aproximou-se vagarosamente do esqueletico quadrupede, que continuava silencioso e immovel, talvez chorando na expressão incomprehensivel d'um sentimento doloroso os ultimos ultrajes infligidos, durante o dia que passára, á consciencia dos seus brios da mocidade, e á sua velhice extrema.

Ah! mas quando homem e cavallo se encontraram face a face... quando se fitaram com olhos turvos das amarguras que curtiam... quando se reconheceram depois de muto se fitarem, — o *Meia Onça* abraçou-se ao pescoço do solipede... beijou-o enternecidamente... chorou lagrimas saudosas dos seus tempos felizes e deu graças a Deus por o deixar morrer ao pé do amigo fiel da sua infancia descuidosa... do seu velho companheiro de melhores eras... do seu querido alazão.

O cavallo, esse, desde o momento da scena do reconhecimento — scena tão singela como tocante, tão sincera como eloquente —, parecêra ter regressado ao tempo do quartel. Os fundos pesares que o conservavam mudo, junto á desprovida manjedoura, desappareceram rapido: as pequenitas orelhas, estoladas agora do açoite do carroceiro, pozeram-se em movimento; as crinas pretas e lustrosas d'outro tempo, que pareciam hoje uma franja ascorosa que andasse no ventre das valetas, começaram de mover-se na isochronidade com que o quadrupede erguia e baixava nervosamente a cabeça, ainda formosa no talho, mas coberta agora d'um pêllo sujo, — empastado pelo suor dos esforços gigantescos... e pelo lixo das ruas.

....

A noite arrastou-se na lentidão dos seculos.

O clarim, bafejado pelo seu velho 17, atravessou-a com menos custo .. com menos supplicio do que as outras, emquanto o seu espirito se apascentou nas gratissimas recordações de 12 annos decorridos.

Depois approximou se a manhã, — pallida como um cadaver, triste como um moimento.

Uma tosse violenta, cavernosa, assaltou rapida o infeliz rapaz; depois uma golfada de sangue... em seguida outra. . e, com a terceira, findava a ultima estrophe do seu poema de desventura.

....

Mais tarde, quando o brutal carroceiro ia arrear o solipede para a faina d'aquelle novo dia d'ininterruptas fadigas, encontrou-o olhando fixamente para o cadaver do clarim, que jazia sobre o chão humido do pavimento, e dentro d'uma tarja de sangue das golfadas que expellira.

Lisboa, 1891.

Oliveira Mascarenhas

Aos nossos Assignantes

Eis-nos chegados ao termo de mais um anno de publicação do Occidente, o que nos dá o extremo prazer de contarmos quatorze annos de existencia ao nosso periodico.

Não tem sido sem o favor publico que esta já longa vida se tem prolongado, mas quantos sacrificios, quantas luctas isso representa para a nossa Empreza só nós o sabemos, e o poderão avaliar quantos mourejam n'estas lides da imprensa, pouco compensadoras do esforço que se lhes dedica.

Entre tanto resta-nos a consolação de termos atravessado este longo periodo de existencia, cumprindo fielmente o programma traçado ha quatorze annos, com a unica alteração de o termos melhorado successivamente, consequencia natural dos progressos do tempo, e do grande desejo que sempre tem animado esta Empreza em acompanhar esses progressos, olhando muito mais ao brilho d'esta publicação, que ao interesse exclusivo dos lucros materias.

É animada d'estes desejos que a nossa Empreza vae encetar a publicação do 15.º anno do Occidente, esperando que o publico lhe continuará a dispensar a sua valiosa protecção, assim como todos os cavalheiros que em especial a tem coadjuvado, a quem renova os protestos do seu reconhecimento.

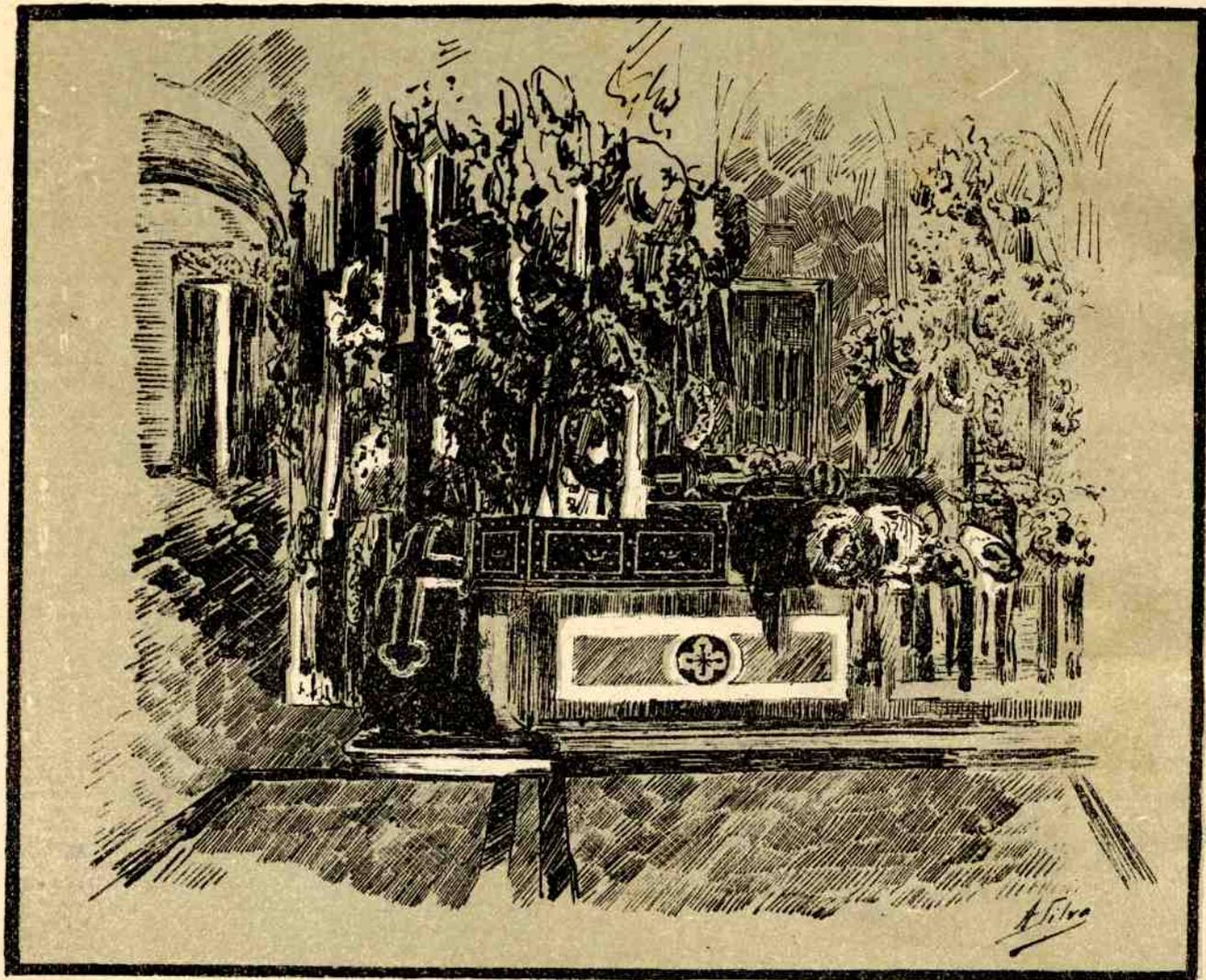
A Empreza.

AVISO

Com este numero do Occidente é distribuido gratis a todos os srs. assignantes, alem dos indices, frontespicio e capa de papel do presente volume, um Supplemento — *Caça aos Taralhões* — quadro de Henrique Pinto, reproduzido em chromo-typographia.

Este supplemento custa avulso 200 réis.

Brinde aos novos assignantes

Os novos assignantes para o anno de 1892, que tomarem a assignatura por todo o anno e a satisfizerem por inteiro, receberão como brinde o supplemento d'este numero *Caça aos Taralhões* — Quadro de Henrique Pinto — reproduzido em chromo-typographia.

CAIXÃO CONTENDO OS RESTOS DE. D PEDRO DE ALCANTARA DE BRAGANÇA, DEPOSITADO NO PANTHEON REAL DE S. VICENTE DE FÓRA

(Desenho de A. Silva)

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43